

ENTRE CAVALOS CHUCROS & VACAS SACRAS

Poemas e Textos
Caio Duarte





Para domar Cavalos Chucros e ordenhar Vacas Sacras

Uma coisa é ler um poema pelo puro prazer da leitura. Para saborear o frescor e a novidade das imagens ou seguir em frente ao léu, sem barreiras estilísticas, sem preconceitos formais nem orientação ideológica. Ler. Ver. Fluir. Ver.

Outra, bem diferente, é ler com vistas a extrair do poema, do livro, elementos para escrever um texto à título de apresentação, por breve que seja. Esta intencionalidade prévia acaba por tirar a espontaneidade e a leveza da observação. Aciona mais os mecanismos da razão em detrimento da sensibilidade e da emoção onde a poesia tem sua seiva mais poderosa.

Foi com esta incumbência, ao mesmo tempo honrada e desafiante que, de repente, encontrei-me com os "Cavalos Chucros & Vacas Sacras", do poeta Caio Duarte. Honrado porque o Caio, além de meu amigo há décadas, desde os tempos das primeiras edições do Festivale e, atualmente parceiro de muitas canções ainda em processo de construção e acabamento.

Desafiante porque, a rigor, não sou crítico de poesia, sobretudo em um tempo de distopia e de dilaceramento de todas as fronteiras líricas e estéticas.

Neste livro, a poesia de Caio, cai “como chuva fina/na cara da primavera” da mesma forma que cai direta em nossa percepção. Alimenta nossa sensibilidade com “mais milho/mandioca/feijão. Saciada a fome de beleza o sertão pode voltar a sorrir, com “seus lábios&dentes verdes””.

É inevitável observar a ligação da poesia de Caio Duarte com a estética tropicalista, provocadora e irreverente; Claro que não é só isto, e o leitor vai descobrir do que se trata ao entrar de cabeça nas múltiplas dobras destes textos- poemas.

Tanto na poesia, como na prosa poética, presentes neste livro, Caio Duarte mostra-se não apenas um poeta atento, mas um cidadão consciente e ligado à realidade, sem a ela se prender de forma realista e prosaica. As imagens que cria são captadas de forma direta, crua e nua à medida que as encontra por onde ela vive e anda. Talvez por isso, em

alguns momentos, nota-se um excesso de espontaneidade sem prejuízos para o resultado final.

No mais, cabe ao leitor ler com a mente atenta e o coração aberto, receber com alegria estas promissoras oferendas do poeta. Melhor que o autor fale por ele mesmo: “Não sou eu quem vai agora/porque já fui na boca da última/aurora”. Ao partir nos deixa esta bela justificativa: “Fui porque é inevitável não seguir/tendo um pouco de sorte ainda é possível/ sorrir antes da morte”. Cabe-nos, então, como seres humanos, em tempos difíceis e imprevisíveis, seguirmos juntos em nome da vida, da arte e da poesia.

João Evangelista Rodrigues,
poeta e compositor.



Chuva

Dia

Nu

Blado

A cor cinza

Impera

Chuva fina

Na cara da primavera

Pico a mula

Sem versos

Não fico

Subo desço

Desço subo

No dorso das palavras

Pico a mula

Fui

Não sou eu quem vai agora
Porque já fui na boca da última
Aurora

Fui sem querer sem saber que ia
Sua energia que me seguia me contagiou
Então restou - me ir e assim foi que se
deu

Porque é dando que nem sempre se recebe
Quando se quer

Mas na hora que se precisa mais
Quando realmente faz - se necessário
receber

O bico do peito da vaca na boca do
bezerro

A fome que nos assola a cada dia
Vinte e quatro horas
Durante meses e meses e meses

Fui porque é inevitável não seguir
Tendo um pouco de sorte ainda é possível
Sorrir antes da morte

Chuva 1

Chove bem
Sinal de mais
Milho mandioca feijão

Enfim o sertão
Voltará a sorrir

Com seus lábios
& Dentes verdes

Não é

Manter - se vivo
Ativo

Suando sob
O sol

Qual um trabalhador
Braçal

Não é para qualquer
Um boçal

Recado para um amigo

Você disse "nossa hora
Está acabando"

Concordo e digo:
Espero que nossa obra
Permaneça

Mantra

A cada dia
Adio o desespero

Chegará o dia
Que o desespero
Desistirá de mim

Assim
Espero

Galináceos

Um trem
Zão
Sem quê
Nem por quê

Este planeta
E outros
E outras
infinitas galáxias

Um trem
Zão
E a terra minhas caras
É um quintal

Cheio de galináceos
Pousando de galãs

Adiante

Primeiros cantores?

Os pássaros

Os galos

Em seguida

Adiante

Elizetes

Betânias

Elis

Nelsons

Miltons

Caubys

Terra

O planeta terra
É um paraíso
Mares montanhas
Metrópolis

E ainda por cima
A lua É GRÁTIS

Mosaico

Das minhas quedas
Junto os cacos
Vou formatando
Um mosaico

Poema para Seu Orlando Furini

Cada um
Tem a sua hora

De chegar
E de partir

Assim gira
A roda

Tem início
&
Tem coda

Prestenção

No silêncio falso
Da mata

Rasteja a cobra
Rumoreja o olho d'água

Abre - se a flor

Parede e meia

O ladrar de um cão

Furioso

Equipara - se

À euforia de uma

Banda de rock

Neura

Vou guardá - la só para mim
Faz anos que me pertence e eu
Pertença muitos mais a ela

Maldita neura minha filha e mãe
De minha impaciência
E pai
Do território que ainda não
Conquistei

Neura nóia nódoa impressa
No bolso esquerdo
De minha camisa noir

Mas céu

A piedade
É superior
À ganância

A amizade
Está bem acima
Da delinquência

A inteligência
Equipara - se
À sensibilidade

A visão é o sentido
Que mais me chama
A atenção

Percebe tanto
A formiga
Quanto o mar

E de quebra
Pétala e avião

A beligerância
Anda
De mãos dadas
Com a estupidez

O sexo
É uma escada
Para se
chegar a algum
Céu

De curta duração
Mas

C É U

Trote

E lá vou eu por essa estrada
Velha conhecida dos meus pés
As mangueiras do entorno
De longe já me dão bom dia e os
Canarinhos
Pousam no meu chapéu
Que tem um buraco pelo qual
Meu pensamento fala com o céu

Lá vou eu
Por essa estrada de lama
Onde o vento faz a curva e assobia
A melodia de uma canção medieval
Que tem cheiro de cana caiana
E fumo de rolo

E lá vou eu por essa estrada
Descalço
Sem medo
Passando bem no meio dela
Entre cavalos chucros
&
Vacas sacras

Árvore

Árvores
Enfileiradas na avenida

Ao uivo da tempestade

Dançam
Ópera rock
Da ventania

Body and soul

O sol espalha luz
Pra lá da lua
Pra vênus
Pra marte

Pra lá da morte
Lonjuras
Que não vemos

Tão óbvio
Sol
Luz das distâncias

Nunca
Dantes
Trafegadas

Por naves
Nem nada
Por lá

Bolo de fogo
Errante
Sol:

Body and soul

Calçados Femininos

São canoros
Os calçados femininos

Quando elas caminham
Pés investidos
Em botas
Tamancos
Sandálias-plataforma

E tocam
O piso das calçadas
Dos corredores
Edifícios
Salões

Os ruídos produzidos
São estribilhos de canções

Canção muito louca

Minha canção é pra tocar
No pente e
Nas costelas de um faquir

Ela bem que poderia
Ser arranjada
Pela banda Uakti

É desfigurada
Eu diria atonal
Schoenberg no Brasil
Compondo pro carnaval

É incolor
Mas traz uma aquarela
No avesso

E tem no intermezzo sons
De metal e areia

Que sacode roseira
Seduz sereia

Salta do sertão da garganta
Para curar os ouvidos
Da moça mouca:

Salve minha canção
Muito louca

Nosso

Teu meu
Nosso destino
Menino
É silêncio na tumba

Por hora traquino
Toca timbau
Xequerê
Toca tuba

Errante

Nem mais nem menos
Um sujeito apenas
Atrapalhado
Atrapalhando

Nem menos nem mais
Apenas um rapaz
Errante errando
Berrando por aí

Numa pousada em Arraial D´ajuda

De repente
Entre a árvore e a piscina
Surgiu uma cobra-cipó

Decerto veio cantar
E dançar o rap dos paulistas
Que sangrava nas caixinhas de som

Big BAND

Terreno baldio
Big BAND de grilos
Toca seus metais

Vaca

Agora vou
Virar vaca

Cansei
De ser burro

Vou soltar
Meu berro
Meu urro

Vaca sim
Não de presépio

Vaca da índia

Colorida
Sagrada
Tropical & ensolarada

Vaca que até
Dá risada

Quixote

Automóvel passou
Cantando pneu

Feito eu sobre
Um corcel

No rastro dela

Oásis

Nem sempre há oásis
Nas frases
Do poeta

Muitas das vezes
Há um filete d'água
Salobra

Sobre o qual
A sede aproxima-se
Queda-se

E sobra

Air bus

Urubus rodando vão
Descrevendo círculos
Lentamente
A trinta metros do chão
Urubus rodando
Negra cerimônia alada
Carniça à vista

Radiografia

Nasci no vale
Do Jequitinhonha

Numa cidade
Do mesmo nome

Uso guarda chuva
Made in China

Chuto bola
Made in China

Calço tenis made in China

Preciso
Aprender mandarim

Me mandar
Para Pequim

Ou para Xangai

Ai ai ai

Alvorada

Na boca da alvorada
Fiz minha morada

Nela o dia está
Sempre amanhecendo

Esteja eu sorrindo
Esteja eu sofrendo

De dor de amor
Esteja eu gemendo

Tolo

Tolo de quem faz de si
A medida de todas as coisas

O quê ouvir como dançar
Como se deve vestir
A quem venerar
Qual caminho a seguir
De olhos vendados

Tolo de quem pensa
Que é o tal
Arroubos de general

Defronte

Quem acostumou - se a ser
Sozinho

Ouve a voz do sol
Dialoga com as flores

Escreve na partitura
Do dia as notas da melodia
Dos pássaros

Quem deita e acorda sozinho
Dá bom dia
À montanha que se espreguiça
Defronte

**Morada
dos
Rinocerontes**

Miniconto

É tão maravilhoso, e hiper
decepcionante.

É tão paraíso, e apocalíptico ao mesmo
tempo.

Que os nossos beijos, as crianças e o
brilho das estrelas não sejam em vão!

Miniconto 1

Foi preciso surgir uma cobra no fundo da piscina do condomínio, para que os jovens e crianças do século vinte e um tomassem conhecimento da existência física dos répteis.

Miniconto 2

A curva do vento sabe o caminho que leva à boca do rio, morada de sapos alucinados que cantam em coro à beira desse teatro fluvial.

Garças esgarçadas voam rente ao chão.

Grãos de areia grudam - se aos meus pés molhados, e ao olhar para trás meus olhos vermelhos sangram - se no ápice do pôr -do- sol.

Fico cego por um momento, tateio um tronco de bananeira, de repente por um golpe de sorte minha visão se refaz e como se visse pela primeira vez bebe goles e mais goles de luz.

Morada dos rinocerontes

Não havia outro lugar de onde viria. Demorou. Anos passaram-se enquanto as letras procuravam-se a si mesmas, os verbos tocavam-se, no embaralhar das frases as damas discordavam dos ases, o valete, não passava de um falso coringa verborrágico.

Demorou, tardou, mas os minutos amadurecidos transformam-se em horas, as horas em dias, os dias em meses, os meses formatam novos anos, que vão crivando de pontinhos negros o filó da eternidade.

Demorou. Mas a grande noite expandiu-se sob o clarão lunar, cobrindo as florestas restantes, os últimos nativos a serem ainda descobertos, e os olhos d'água silentes e bem vivos.

Até que o som da grande força ecoou,
equiparando-se à força maior do
primeiro dilúvio universal, ecoou
pelos quatro pontos cardeais, vindo da
morada dos rinocerontes em festa.

À explosão

Repito meu jeito de falar de cantar de chorar.

Repito meu passo sobre o asfalto meu salto para o outro lado de lá.

Vou me repetindo verso a verso com ritmo batido sacado socado na página na tela.

Meu jeito repetido está para mim como estão as minhas mãos meus mamilos meus grilos que de tanto serem repetidos vão se transformando em ararinhas azuis.

Repito meu jeito repetir é a minha marca, minha maca, minha maçã verde bordada no pano de prato estendido no varal.

Repito repito copio a mim mesmo e assim vou maturando este meu ser sem seio ou cheiro sem, a não ser o anseio de se repetir à explosão.

Conforme a canção do Alceu

Tu vens tu vens e a cabeça do velho
nas nuvens dos cabelos negros da mina
que deu bola.

O velho já fincado na glória de sua
solidão deu urros feito um leão
faminto na sua jaula de circo made in
pobreza.

Deu o braço a ela e se foram por uma
estrada circundada por um rio.

Foram-se e dormiram numa cabana, e ela
não sabe se o velho gozou ou não, até
que no feto do dia feito o capataz da
fazenda onde ficava a cabana deu uma
gravata no velho e comeu a mina
diante dos olhos calmos do boi mais
mais manso da fazenda.

Na mesma hora de sempre o cara do
caminhão do leite passou e levou a
mina pra cidade mais próxima, onde não
há farmácia sequer dipirona no
butiquim, a mina, ah meu filho, era
esperta não chorou nem nada,
descoladamente partiu em seguida no
caminhão de uns, rumo a Quixadá, quem
sabe, a Garanhuns.

Educação

Educação pelo avesso, tudo pode, indiferença, desprezo, usura elevada à quinquagésima potência, em nome da falência geral.

Baby eu bem que quereria e sorriria se houvesse razão de ser, razão para crer, porém, um que fuma unzin olha-me bem dentro da menina dos olhos, e diz-me rediz-me tridiz-me feliz aquele que pesca seu peixe, que chuta a sua bola, que fita a lua vermelha de esguelha, que tem o dom de cantar tão bem uma canción à beira do precipício, que até os pássaros se calam para ouvi-lo. Infeliz sou yo que quero e requeiro junto ao tribunal meu requeijão e samba até o fim da via, dessa viagem pela via-láctea.

Frutos podres

Meus filhos perguntam-me coisas às quais não sei responder.

Minha companheira fala-me de determinados assuntos e eu, confuso, não ousa tecer nenhum comentário.

Meus colegas de trabalho dizem que há padrões e comportamentos a serem seguidos, mas eu, perplexo, não consigo entendê-los.

Meus vizinhos comentam que há uma luz no fim do túnel, contudo, nem com um telescópio profissional consigo vê-la tremeluzir.

E assim, sigo pela via, guardando no meu embornal os frutos podres da minha ignorância.

O Paralítico

Eu aguardava a enfermeira que faria um exame através da introdução de swab nas minhas narinas.

Quando ele entrou na enfermaria em sua cadeira de rodas acompanhado de uma moça. Pele do rosto avermelhada, olhos azuis, nos quais percebi sinais de uma índole pacífica, dada à mansidão.

Fiz um comentário acerca de um incidente acontecido recentemente, ele prestou atenção e concordou com a conclusão à qual cheguei.

Ao sair, sensibilizado com a sua simpatia, estendi a mão, a fim de cumprimentá-lo, ele disse-me não, não posso estender a mão, sou paralítico.

Surpreso, com um sorriso meio amarelo, busquei a porta de saída.

Quase um bicho

Quase um bicho, sai pouco da toca.

Basta - se com o necessário.

Olhar as estrelas, ouvir música e os pássaros por exemplo.

Quase um bicho triste, que se alegra rapidamente por um instante ao receber na parede do peito a flecha dourada de um raio de sol.

É claro

É claro que um boneco de argila não sente dor, mas pode se quebrar feito biscoito quebra - quebra.

Um boneco de argila é uma peça de artesanato que geralmente brilha sobre uma estante, sobre um criado - mudo, ao lado de algum livro, caixa de remédio, vaso de flor.

O homem também é feito de argila, e se quebra diversas vezes enquanto vive e segue juntando as partes, os cacos, isto é, quando consegue, e passa muitas das vezes a ser uma caricatura de si mesmo.

Uma figura estranha que não se reconhece no espelho.

Aí a argila liquefaz - se e escorre vermelha pelos olhos em forma de sangue, corrompendo a louça branca da pia.

Quadros Tortos

Toda vez que a faxineira vai-se embora após fazer o seu trabalho, deixa os quadros tortos na parede, como se a casa fosse um navio em alto mar bravio. No piso de tão limpo é possível mirar-se e pentear os fios de cabelo que restam, no meu quengo quase todo liso que nem um ovo de pata. Sempre que a faxineira, na boca da noite, despede-se montada em sua bicicleta, sei que tudo está organizado, e me vem a impressão de que agora em diante as coisas passarão a dar certo. Todavia os quadros tortos nas paredes brancas da sala dizem-me na tampa outra verdade.

Assustado, acuado, abro uma garrafa de cerveja, telefono a um amigo, assisto a uma partida de futebol, deixo meus olhos míopes passearem pela cacunda rósea das nuvens no entardecer.

O banheiro, de tão asseado, parece banheiro de casa de madame, um incenso de sete ervas queimando-se sobre a pedra da pia energiza a casa.

Porém ao passar novamente pela sala e ver os quadros tortos na parede, um fastio me janta, e a casa traz-me novamente a sensação de que estou em um navio perdido em alto mar bravio. Atarantado, tropeço num pé de cadeira e caio de boca sobre um livro de Franz Kafka, aberto no chão.

Dona Wilmar

Era costureira e trabalhava com uma máquina singer manual.

Em seguida passou a trabalhar com uma máquina que trazia um motorzinho acoplado.

Usava moldes e fazia meu quarto de provador, vez ou outra ao abrir a porta deparava com uma mulher seminua, o que me dava um certo prazer.

Ela ouvia discos de Noite Ilustrada, Clara Nunes, Dolores Duran, Cascatinha e Inhana, entre outros.

De vez em quando, unhas feitas e cabelo bem cuidado, tomava um martini no bar de Jomar.

O bar de Jomar foi transformado em papelaria. Dona Wilmar viajou para nunca mais voltar.

Sobre o autor



Caio Duarte, é da cidade de Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais. É poeta, cantor e compositor. Já publicou os livros Chuva de Poesia, O Tilintar das Pedras, O poeta é o cara, Mascate de Metáforas, entre outros. E os álbuns Aquarela de Sons, Dito e Feito, e Caio Duarte parcerias com Paulinho Pedra Azul, disponíveis nas plataformas digitais. Tem textos publicados em algumas antologias e como compositor é parceiro de Rubens Espíndola, Andreas Lima, Cláudio Bento, João Evangelista Rodrigues, Liria Porto, Lima Júnior e Paulinho Pedra Azul.

Atualmente faz parte da academia de Letras do vale do JEQUITINHONHA - ALVA, recém criada em Abril/2023



FICHA TÉCNICA

"Entre cavalos chucros e vacas sacras"

Poemas e Textos

Caio Duarte

fotografias de capa

Bruno Bento

Projeto Gráfico

Jiddu Saldanha

ISBN

978-65-00-69854-1

